



A MÚSICA (MUITO) ALÉM DA MÚSICA

Submetido em: 07/04/2020

Aprovado em: 28/04/2020

João Gabriel Marques Fonseca ¹

Betânia Parizzi ²

RESUMO

Este artigo trata do papel fundamental da música no nascimento do simbólico na vida humana. São discutidos os conceitos de parentalidade intuitiva e musicalidade comunicativa e a evolução dos balbucios iniciais do bebê em direção à música e à palavra. Discute-se também o papel da música nas trocas intersubjetivas e suas implicações na promoção do prazer e do bem estar.

Palavras-chave: Música. Parentalidade intuitiva. Musicalidade comunicativa. Promoção da saúde.

ABSTRACT

This article deals with the fundamental role of music in the origin of the symbolic in human life. The concepts of intuitive parenting and communicative musicality and the evolution of baby's initial babbling towards music and words are discussed. The role of music in intersubjective exchanges and its implications for the promotion of pleasure and well-being are also presented.

¹ Músico e médico, Doutor em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Escola de Música e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: jgmfbhz@gmail.com.

² Musicista, Doutora em Ciência da Saúde da Criança pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: betaniaparizzi@hotmail.com.

Keywords: Music. Intuitive parenting. Communicative musicality. Health promotion.

1. INTRODUÇÃO

Todo ser vivo, em sua dinâmica existencial, precisa sentir, interagir (com o meio e com outros seres vivos) e reagir a estímulos. Dito de uma maneira mais sintética: todo ser vivo necessita sentir e agir – re-agir e inter-agir. As interações entre os seres vivos são extremamente complexas e variadas e se estendem por uma gama enorme de recursos que incluem processos físicos, químicos, luminosos, eletromagnéticos e um infindável conjunto de movimentos e sons. Os vertebrados ampliaram muito seu repertório de movimentos e sons que atingiram níveis extraordinários de complexidade entre os primatas.

O *Homo* se diferenciou dos outros primatas porque sofisticou imensamente seus gestos e seus sons; essa sofisticação desaguou na criação de símbolos. Um símbolo, é “qualquer coisa que, além da impressão que causa em nossos sentidos, faz vir à nossa mente outra coisa” (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 85). Como consequência ou como parte desta sofisticação, o *Homo* desenvolveu a capacidade de pensar, além de sentir, agir, re-agir e inter-agir. O *Homo* desenvolveu a capacidade de elaborar ideias e de comunicá-las através dos símbolos. Além de tudo isso, o *Homo* talvez seja o único ser vivo capaz de pensar sobre si mesmo e sobre a sua própria existência.

Fora do âmbito do simbólico, a vida animal é guiada principalmente por instintos, um conjunto de memórias imemoriais e inapagáveis, extremamente eficientes. O instinto é uma espécie de mapa da mina, uma certeza avalizada por milhões e milhões de anos (PELLEGRINO, 1989).

Como o *Homo* promoveu uma lenta e longa ruptura com o instinto e desenvolveu o pensamento, ele acabou por criar a civilização e a cultura. “O homem é único animal que se recusa a aceitar o que a natureza lhe deu e gratuitamente lhe dá” (SOUZA, 1995, p. 7).

O ser humano expressa e comunica suas experiências de vida (sentir, pensar, agir e existir) através de linguagens complexas de gestos, sons e símbolos. As primeiras manifestações dessas linguagens estão presentes já no nascimento (PARLATO-OLIVEIRA, 2019) e se aprimoram ao longo do desenvolvimento da criança, principalmente com o convívio social. Essas manifestações iniciais de linguagem deságuam ao longo da vida na mímica facial, na gestualidade comunicativa, na palavra, na música e no número. Reforçando

o já dito: na raiz de todas essas linguagens estão os gestos e os sons originários (ARCELA, 2011; LANGER, 1980; LEHMANN, 1993).

O motivador existencial fundamental do desenvolvimento dessas linguagens parece ser a necessidade imperiosa do ser humano de interagir com o outro ser humano. A partir dessa necessidade, o bebê imita ostensivamente o adulto até desenvolver e aprender a utilizar seus próprios recursos simbólicos.

Acompanhar o desenvolvimento dessas linguagens na relação adulto/bebê e as modificações das condições biológicas que lhes dão suporte ao longo dos dois primeiros anos de vida é uma oportunidade única de assistir à inauguração do simbólico, de compreender o salto qualitativo da natureza para a cultura dado pela humanidade e de refletir sobre o papel fundamental da música na promoção de prazer, e bem-estar e, como consequência na promoção da saúde.

2. AS INTERAÇÕES INICIAIS ADULTO-BEBÊ

Como já dissemos, os bebês humanos nascem com o que pode ser descrito como uma obstinação para interagir com o “outro”. Essa “obstinação”, compartilhada inconscientemente por pais e cuidadores, se expressa por um comportamento inato complexo chamado de “parentalidade intuitiva”, um comportamento instintivo dos adultos que os habilita a proteger, alimentar, estimular e ensinar a seus bebês sua língua e sua cultura (PAPOUSEK, H., 1996; SHIFRES, 2007). A principal ferramenta operacional da parentalidade intuitiva é a “musicalidade comunicativa”, outra habilidade inata de combinar vocalizações e gestos que permitem a comunicação dos adultos com os bebês (TREVARTHEN e MALLOCH, 2009). Vale aqui ressaltar que, na linguagem corrente, a palavra musicalidade significa sensibilidade ou talento para a música. Em decorrência deste significado, a expressão musicalidade comunicativa pode parecer numa primeira impressão, o compartilhamento desta musicalidade. No entanto, o sentido técnico da expressão musicalidade comunicativa é, como acabamos de descrever, consideravelmente diferente.

A compreensão desses dois conceitos - Parentalidade Intuitiva e Musicalidade Comunicativa - é essencial para que se entenda o desenvolvimento da competência comunicativa nos bebês e sua conseqüente entrada no universo simbólico.

É importante salientar que, apesar de os bebês não apresentarem ainda desenvolvimento cognitivo suficiente para compreender nem minimamente as regras que

regem a linguagem, eles são capazes de interagir com o adulto (com a mãe na maioria das vezes) ora como receptor, ora como emissor em um processo de comunicação chamado de “protoconversas” (MALLOCH, 1999/2000).

Numa “protoconversa” o bebê e o adulto ajustam suas manifestações vocais, visuais, gestuais e táteis de modo a trocar suas subjetividades, estabelecendo um diálogo intersubjetivo (MALLOCH e TREVARTHEN, 2009). Os recém-nascidos parecem buscar ativamente essa forma de comunicação, essencial para seu desenvolvimento cognitivo. Assim o bebê treina o seu “equipamento fisiológico” necessário ao canto e à fala, através da imitação obstinada dos gestos e da mímica facial dos adultos.

Essa interação pode ser caracterizada como um “alfabeto pré-linguístico” e tem características musicais próprias, com timbres, alturas, intensidades e padrões rítmico-temporais peculiares utilizadas tanto na fala dirigida aos bebês quanto nos sons vocais produzidos por eles. Esse padrão comunicativo é chamado de “manhês” (PAPOUSEK, M., 1996) e pode variar um pouco em diferentes culturas (PARLATO-OLIVEIRA, 2019); na maior parte das culturas, incluindo as culturas ocidentais, o “manhês” se caracteriza por: (1) um falar mais agudo (até uma oitava) por parte do adulto; (2) utilização de um andamento mais lento; (3) introdução de longas pausas com “trocas de turno” onde o adulto e bebê falam/vocalizam intermitentemente; (4) fala ritmada, e (5) utilização de segmentos curtos de frases. Os adultos apresentam aos bebês modelos de sons vocais, estimulam a imitação desses sons, recompensam os bebês por sua atuação com sorrisos e afagos e, “didaticamente”, ajustam essas intervenções às possibilidades de vocalização da criança naquele momento. Em outras palavras: apresentam aos bebês o universo simbólico dos sons (das músicas e das palavras) e os introduzem a ele. A “musicalidade comunicativa” é a base da música e da palavra e vai persistir na voz por toda a vida (PAPOUSEK, M., 1996).

3. DAS VOCALIZAÇÕES ÀS PRIMEIRAS PALAVRAS

O choro é o ato sonoro-gestual inaugural da criança. Ele contém, de forma latente, todos os elementos da prosódia da fala e do canto: variações de intensidade e altura, “padrões” rítmicos e fraseado estão presentes no choro muito antes que as crianças iniciem suas “brincadeiras” vocais ou balbucios (WELCH, 2006). Nas primeiras quatro a seis semanas de vida o choro e o sorriso são involuntários e dependentes dos padrões respiratórios (GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005; PARIZZI, 2009).

A partir do segundo mês de vida, as ações reflexas diminuem consideravelmente e o bebê passa a controlar mais efetivamente muitas de suas ações motoras, sua memória de reconhecimento começa a se refinar e ele se torna mais capaz de reconhecer rostos e controlar o choro e o sorriso (GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005). A partir dessa época do desenvolvimento pré-verbal dos bebês, três níveis de *expertise* vocal começam a emergir gradativamente, estimulados pela parentalidade intuitiva dos pais/cuidadores (PAPOUSEK H., 1996):

O **primeiro nível** começa a se manifestar por volta dos dois meses e se caracteriza pela substituição progressiva das vocalizações dependentes da respiração pela emissão de sons prolongados com alturas definidas.

O **segundo nível** começa a aparecer entre o terceiro e quinto mês de vida e se caracteriza pela expansão do repertório vocal do bebê em direção às consoantes.

A partir dos seis meses a comunicação pré-verbal dos bebês evolui para o **terceiro nível** de *expertise*, caracterizado pela capacidade da criança de reproduzir os “balbucios canônicos”, a repetição de sílabas como “mamama ou dadada”. Essas sílabas canônicas são comuns a todas as línguas do mundo e representam as “unidades rítmicas mínimas” de todas as línguas faladas pelo ser humano, abrindo as portas para a fala e para a música como elementos fundantes do mundo simbólico.

4. O SURGIMENTO DO CANTO E DA PALAVRA

Após o aparecimento da capacidade de repetir sílabas (balbucios canônicos) nota-se uma importante modificação da relação dos pais e cuidadores com os balbucios do bebê: eles passam a atribuir um significado denotativo ao que é dito (PARIZZI, 2009), pois, intuitivamente, através do exercício da “parentalidade intuitiva”, atribuem significados às sílabas articuladas pelos bebês, nomeando pessoas, objetos e eventos próprios do ambiente da criança. Por essa razão estes sons produzidos pelos bebês vão progressivamente se transformando em palavras.

Quando o bebê consegue falar as primeiras palavras distintas, os pais passam a interpretá-las, utilizando explicações racionais; a influência cultural e o pensamento racionalista tornam-se cada vez mais evidentes na atuação dos pais, que têm como objetivo o desenvolvimento da competência de seus filhos para falar.

Ao final do primeiro ano de vida, as vocalizações dos bebês começam a trilhar dois caminhos distintos, o do canto e o da fala (PARIZZI, 2009). Os sons emitidos pelos bebês para falar e para cantar vão se diferenciando progressivamente durante o segundo ano de vida embora este processo imitativo possa acontecer bem antes, ainda no primeiro ano de vida, dependendo da qualidade e da intensidade dos estímulos recebidos pelo bebê (TAFURI, 2010). Na etapa seguinte, os bebês passam a vocalizar pequenos fragmentos sonoros rítmico-melódicos, aparentemente como tentativa de imitar algo que está sendo cantado por seus pais ou cuidadores (PAPOUSEK, M., 1996). São “impulsos sonoros” de curta duração, constituídos basicamente de sonoridades das vogais equivalentes às primeiras palavras articuladas pelas crianças nessa mesma época, como “papato, nenén, dandá, au-au” etc. (PAPOUSEK, M., 1996; PARIZZI, 2009). O canto tende a privilegiar as vogais, e a fala as consoantes.

Por volta de um ano e meio de idade, começam a ser nitidamente delimitados os territórios do falar e do cantar. A fala passa a ser utilizada pela criança com a finalidade de comunicação e as vocalizações passam a ser claramente percebidas como cantos espontâneos (SLOBODA, 1985).

Com as palavras primordiais pronunciadas, a criança entra definitivamente no mundo simbólico das grandes linguagens humanas: a mímica facial, a gestualidade, a palavra, a música e os números – a musicalidade comunicativa originária (dos sons e gestos) desaguou nos símbolos. Isso nos permite afirmar que o “musical” é um dos fundantes da vida humana.

A criança começa seu trajeto ininterrupto pelo simbólico que perdurará por toda a vida e o modo como cada indivíduo vai utilizar os símbolos ao longo da vida é absolutamente peculiar e idiossincrásico e refletirá, em grande parte, a cultura em que está inserido.

A “musicalidade comunicativa” originária persistirá nos gestos, nos olhares e na voz, responsável maior pelo significado conotativo das palavras:

Há duas expressões humanas de um estado mental – a palavra e a voz. Não há palavras sem voz, mas há voz sem palavras – no grito, no riso, no trauteio, na vocalize! – ou seja, o canto sem palavras. Diferem uma da outra estas duas formas de expressão em que a palavra é, essencialmente, a expressão de um pensamento ou ideia, e a simples voz é a expressão de uma emoção. A voz trêmula que afirma, afirma com palavra e nega com a voz. A ideia e a emoção separam-se onde se unem (GIL, 1993, p. 95).

5. MÚSICA E PROMOÇÃO DA SAÚDE

Um dos modos de compreender a saúde é considerá-la como um estado de equilíbrio entre dois grandes conjuntos de fatores: **os fatores patogênicos** (causadores de doenças) - tudo que agride nosso corpo e/ou tudo que nos ameaça emocionalmente; e **os fatores salutogênicos** que incluem toda nossa capacidade de adaptação frente aos fatores patogênicos. O equilíbrio entre essas forças ou o predomínio das forças salutogênicas define a saúde – o estar saudável.

Nessa perspectiva, a experiência musical por sua força geradora de prazer e bem estar e, por ser um dos principais canais de engajamento de subjetividades e de troca de afeto, pode ser considerado um dos mais poderosos fatores salutogênicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso evolutivo humano delineado neste texto nos permite afirmar que o “musical” é um dos fundantes da vida humana. A música nos afeta e a música nos conecta desde sempre. A música permite, potencializa e rompe barreiras de comunicação entre as pessoas por tornar possível trocas intersubjetivas mesmo antes do nascimento do simbólico.

Experiências musicais como ouvir música, cantar, mover-se com a música, tocar um instrumento, improvisar, compor, principalmente aquelas realizadas em conjunto, promovem um engajamento solidário, conectam as pessoas por meio de trocas intersubjetivas e geram empatia e prazer.

Não há, pois, nenhuma outra atividade humana capaz de conectar pessoas de qualquer cultura de modo tão efetivo, permitindo, pelo menos naquele momento, que a vida seja vivida em sua plenitude.

A música vai muito além da música...

REFERÊNCIAS

ARCELA, A. Computação: uma ciência exata com aspirações humanas e sociais. In: SIMON, S. (Org.), *Um século de conhecimento – arte, filosofia, ciência e tecnologia no século XX* (pp. 503-557). Brasília: Editora UNB, 2011.

GAZZANIGA, M.; HEATHERTON, T. *Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, J. *O Espaço interior*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

LANGER, S. K. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

LEHMANN, P. Panorama de la educación musical en el mundo. In V. H. Gainza (Ed.) *La Educación frente al futuro*. pp. 11-23. Buenos Aires: Guadalupe, 1993.

MALLOCH, S. Mothers and Infants and communicative musicality. *Musicae Scientiae* (Special Issue), p. 29-57. 1999/2000.

MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. The origins and psychobiology of musicality. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C. (Eds.), *Communicative Musicality: exploring the basis of human companionship*. pp. 13-15. New York: Oxford Press, 2009.

PAPOUSEK, H. Musicality in infancy research: biological and cultural origins of early musicality. In DELIÉGE. I.; SLOBODA, J. (Eds.), *Musical beginnings* (pp. 38-55). New York: Oxford University Press, 1996.

PAPOUSEK, M. Intuitive parenting: a hidden source of musical stimulation in infancy. In: DELIÉGE. I.; SLOBODA, J. (Eds.), *Musical beginnings* (pp. 88-112). New York: Oxford University Press, 1996.

PARIZZI, M. B. *O desenvolvimento da percepção do tempo em crianças de dois a seis anos: um estudo a partir do canto espontâneo*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2009.

PARLATO-OLIVEIRO, E. Saberes do bebê. São Paulo: Instituto Langage. 2019.

PELLEGRINO, H. *A Burrice do Demônio*. São Paulo: Editora Rocco. 1989.

SANTO AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Editora Paulus, 2002.

SHIFRES, F. La ejecución parental: los componentes performativos de las interacciones tempranas. *Proceedings of the 6th Encontro da sociedade argentina para las ciencias cognitivas de la música* (pp. 13-17). Argentina: Universidade de la Plata. 2007.

SLOBODA, J. *The musical mind: the cognitive psychology of music*. Oxford: Claredon Press. 1985.

SOUZA, E. *Mitologia I - Mistério e Surgimento do Mundo*. Brasília: Editora UNB. 1995.

TAFURI, J. *Se nasce musical? Como promover las aptitudes musicales de los niños*. Barcelona: Editorial Graó. 2010.

WELCH, G. F. Singing as communication. In MIELL, D; MAC DONALD, R.; HARGREAVES, D. (Eds.), *Musical Communication* (pp. 239-259). New York: Oxford University Press. 2006.